

# **AS RELAÇÕES SOCIAIS NA ATUALIDADE BRASILEIRA SÃO REMARCADAS POR CERTA OBJETIFICAÇÃO DOS SUJEITOS EM SUAS CONQUISTAS DE RECONHECIMENTO?**

**Marcos Antônio de Almeida Oliveira<sup>1</sup>**

**Vicente de Paulo Colodeti<sup>2</sup>**

## **RESUMO**

A presente pesquisa objetiva descrever a ideia do filósofo Hegel sobre a dialética do servo e do escravo, tal ideia é tomada não somente como momento da obra hegeliana Fenomenologia do Espírito, mas principalmente como ferramenta conceitual que nos permite rastrear o passado em busca da explicitação de mecanismos de dominação que ocorreram na história. Dentro do viés das relações interpessoais remarcadas por certa objetificação do sujeito em sua conquista pelo reconhecimento, assim temos como objeto de pesquisa três casos tirados do site de notícias G1, no qual descrevem a dialética do servo e do escravo de Hegel, que nos permite ter uma possível reflexão sobre as relações humanas. Como metodologia de pesquisa adotamos a pesquisa bibliográfica, baseada em livros, artigos científicos, teses e dissertações, além de sites de notícias. Tivemos como resposta para nossa pergunta a confirmação que os escritos do autor contribuem até hoje para a vida humana e as reflexões que envolvem a relação entre os sujeitos dando possíveis soluções para sair de uma relação em que o sujeito se coloca como objeto.

## **Palavras-chave**

Reconhecimento. Senhor. Escravo. Hegel. servo. Dialética.

## **ABSTRACT**

The present research aims to describe the idea of the philosopher Hegel about the dialectic of the servant and the slave, this idea is taken not only as a moment of the Hegelian work Phenomenology of Spirit, but mainly as a conceptual tool that allows us to trace the past in search of the explanation of mechanisms of domination that have occurred in history. Within the bias of interpersonal relationships highlighted by a certain objectification of the subject in his conquest of recognition, we have as research object three cases taken from the G1 news site, in which they describe the dialectic of Hegel's servant and slave, and allow us to have a possible reflection on human relationships. As a research methodology, we adopted bibliographic research, based on books, scientific articles, theses and dissertations and news sites. We had as an

---

<sup>1</sup> Graduando do Curso de Filosofia do Centro Universitário Salesiano/UNISALES. Email: marcosalmeida.vv33@gmail.com

<sup>2</sup> Graduado em Ciências Sociais, Mestre e Doutor em Política Social pela Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). Possui experiência na área de Política Social, produção e execução de políticas públicas de trabalho e renda, microcrédito, informalidade e pobreza. Atualmente, compõe o quadro de professores do Centro Universitário Salesiano e atua como pesquisador do Centro de Política Comparada do Departamento de Ciências Sociais da UFES. E-mail: vcolodeti@ucv.edu.br

answer to our question the confirmation that the author's writings contribute to human life until today and the reflections that involve the relationship between the subjects giving possible solutions to get out of a relationship in which the subject places himself as an object.

### **Key words**

Recognition. Sir. Slave. Hegel. servant. Dialectic.

## **1 INTRODUÇÃO**

De acordo com o filósofo Hegel estamos em uma luta pelo reconhecimento mútuo e dentro dela há dois papéis na atual sociedade em que vivemos que não favorecem a igualdade dos sujeitos: o Senhor e o Escravo. A sociedade brasileira é marcada por um contexto de dominador e dominado, seja na relação com pais e filhos, empregado e patrão, professor e aluno, presidente e cidadão. Com isso, as relações podem ser formadas por um círculo vicioso que nem sempre é quebrado pelas pessoas que estão sendo vítimas dele, pois não é fácil perceber pelo fato de que não parte somente da atitude e do desejo do Senhor, o Escravo também confirma o seu papel não se impondo, sendo submisso na relação.

A presente pesquisa se justifica por reafirmar a teoria dialética de Hegel sobre o Senhor e o Escravo, tendo em vista a objetificação do ser humano dentro de diversas relações interpessoais identitárias, com isso busca com que o leitor se perceba e saiba identificar em suas relações o papel que ocupa dentro delas.

Como metodologia adotamos a pesquisa qualitativa bibliográfica, que abrange a leitura, análise e interpretação do assunto proposto. Baseado em Gil (2002) as pesquisas bibliográficas têm como principal finalidade desenvolver e conhecer diversos suportes que venha a contribuir para com as investigações de um determinado tema. A pesquisa bibliográfica foi baseada em três casos decorrentes das relações humanas extraídos de sites de notícias, outras fontes utilizadas foram: livros, artigos científicos, teses e dissertações. Sendo que a coleta de dados foi feita com base na observação e análise dos dados apresentados como confirmação da bibliografia apresentada, apresentando uma interpretação tendo o conceito reconhecido em Hegel, para assim demonstrar a coerência e a dissonância da pesquisa.

Diante do exposto, o problema que se apresenta implica em responder a seguinte questão: as relações sociais na atualidade brasileira são remarcadas por certa objetificação dos sujeitos em suas construções identitárias e de reconhecimento?

Dito isso, no próximo item, reafirmaremos a teoria dialética de Hegel sobre o Senhor e o Escravo dentro do conceito de reconhecimento. Em seguida, concentraremos nossos esforços sobre a ideia de objetificação do ser humano dentro de diversas relações interpessoais identitárias. Além disso, no terceiro item a partir dos casos citados, busca-se deixar claro para o leitor qual o papel que ele ocupa em suas relações sociais. Para ajudar nessa reflexão, faremos comentários acerca dos casos reais retirados do site de notícias G1. Encerramos este breve artigo com as considerações finais.

## **2 UMA ABORDAGEM FILOSÓFICA RELEVANTE: HEGEL DENTRO DO RECONHECIMENTO**

Em nossa sociedade, observa-se um número relevante de casos de violência doméstica entre homens e mulheres. Nessa relação de violência tanto física quanto psicológica, percebe-se o quanto a mulher brasileira tende a ser subjugada. Dito isso, perguntamo-nos: como a filosofia de Hegel poderia nos ajudar a interpretar isso? Por exemplo, quando o marido sujeita a sua esposa a agressões físicas e psicológicas ele não tem medo de colocar sua autoconsciência para o “jogo” diante da mulher, porém a mulher, com medo da morte, se sujeita às ações do marido não pondo seu ponto de vista e, como isso, na maior parte das vezes, se vê como uma “empregada” a realizar as mais diversas tarefas domésticas tais como: lavar, passar e cozinhar. O homem, por sua vez, não contraposto com a consciência da mulher, não reconhece a identidade dela e a vê só como um objeto que o ajude a cumprir suas metas. Mediante isso, embora a forma como a mulher se coloca é de ser objeto, isso não tira dela o ser sujeito, porque a forma que ela escolheu para manifestar a sua subjetividade é de objeto.

### **2.1 O JOVEM HEGEL: UM POUCO DA BIOGRAFIA DO AUTOR**

Filho de Georg-Ludwig, chefe da chancelaria do ducado, e de Maria Magdalena, Georg Wilhelm Friedrich Hegel nasceu em Stuttgart, a 27 de agosto de 1770. Depois de ter cursado o ginásio da cidade, ingressou, em 1788, no seminário de teologia protestante de Tübingen. Entre seus companheiros de estudos estavam Schelling (1775-1854) e Hölderlin (1770-1843), aos quais se ligou por estreitas relações de amizade.

No ano de 1790, Hegel obteve o título de magister philosophiae, logo após renunciou à profissão de pastor devido à falta de vocação. Escreveu sua primeira obra de grande porte, *A Fenomenologia do Espírito*, em cujo prólogo declarava seu rompimento com Schelling. Sua publicação data de 1807. Nesse sentido, *A Fenomenologia* representa a primeira elaboração de um julgamento filosófico a respeito da história. Em 1818, Hegel atingiu o ápice de sua carreira universitária, sendo que em 1829, Hegel foi eleito reitor da universidade. Dois anos depois, acometido de cólera, faleceu a 11 de novembro.

A presente pesquisa tem como objetivo fundamental reafirmar a teoria dialética de Hegel sobre o Senhor e o Escravo dentro do conceito reconhecimento, tendo em vista a objetificação do ser humano dentro de diversas relações interpessoais identitárias, com isso buscando com que o leitor perceba e saiba se identificar em suas relações o papel que ocupa dentro das mesmas com também uma análise do comportamento humano dentro das relações para assim se chegar as novas formas de se interpretar. Em nossa sociedade, observa-se um número relevante de casos de violência doméstica entre homens e mulheres. Nessa relação de violência tanto física quanto psicológica, percebe-se o quanto a mulher brasileira tende a ser subjugada. Dito isso, perguntamo-nos: como a filosofia de Hegel poderia nos ajudar a interpretar isso? Por exemplo, quando o marido sujeita a sua esposa a agressões físicas e psicológicas ele não tem medo de colocar sua consciência de si para o “jogo” diante da mulher, porém a mulher, com o medo da morte, se sujeita às ações do marido não pondo seu ponto de vista, como isso, se sujeita, na maior parte das vezes, como uma empregada que realizar as mais diversas tarefas domésticas tais como lavar, passar e cozinhar, por isso, o homem, não contraposto com a consciência da mulher, não reconhece a identidade dela, mas a vê só como um objeto que o ajude a cumprir suas metas. Mediante isso, embora a forma como a mulher se coloca é de objeto, isso não tira dela

o ser sujeito, porque a forma que ela escolheu para manifestar a sua subjetividade é de objeto, assim não se tira a responsabilidade da mulher de estar nessa situação.

## 2.2 O PROCESSO DIALÉTICO: TESE, ANTÍTESE E SÍNTESE

O nosso autor vem de origem alemã, desse modo a palavra que origina esse processo dialético, segundo (INWOOD, 1997) é “*aufheben*”. Sendo que algumas palavras na língua alemã têm mais de um significado e *aufheben* é uma delas que por sinal tem três significados distintos que fazem todo sentido para os alemães, conservar, anular e elevar, essa explicação nos dá mais conhecimento sobre a ideia do autor, sendo que a supressão resume todo o movimento dialético de Hegel.

Hegel associa *aufheben* a muitas outras palavras: assim, quando algo é supressão (*aufgehoben(e)*), é IDEAL (*ideell*), “MEDIATIZADO (ou “refletido”), em contraste com imediato, e um “MOMENTO de um TODO que também contém o seu oposto. *Aufhebung* é semelhante à NEGAÇÃO determinada que tem um resultado positivo. O que resulta da supressão de algo, por exemplo, o todo em que ele e seu oposto sobrevivem como momentos, é invariavelmente superior ao item, ou à VERDADE do item supressão. Assim, apesar do silêncio de Hegel sobre a matéria, é razoável ver o sentido (1), “elevação”, como um ingrediente em seu significado hegeliano (INWOOD, 1997, p. 303).

Vemos que por meio desse dicionário de Hegel, entendemos a tamanha riqueza que se encontra na palavra “supressão”, que de certo modo, é um pouco confusa, porque para nossa língua brasileira a maioria das palavras possuem um sentido apenas. Desse modo, toda cultura tem sua forma de se expressar, da mesma forma quando observamos a coerência de uma frase pelo seu contexto.

O método dialético de Hegel, que hoje conhecemos no trinômio tese, antítese e síntese, mesmo que segundos alguns estudiosos, não haja confirmação de que ele tenha usado essa terminologia, se desenvolveu entre o final do século XVIII e a primeira metade do século XIX e pode ser descrito em três momentos, segundo Cotrin (2014, p.138), a saber: “o primeiro, do ser em si; o segundo, do ser outro ou fora de si; e o terceiro (que seria o retorno), do ser para si”. Seguindo essa linha de raciocínio, temos que a Filosofia que realmente busque a verdade, utiliza-se do método dialético, uma vez que investiga as pretensões de verdade e o caminho para se chegar a ela. Ainda que esse conceito tenha sido utilizado de maneiras distintas desde Heráclito e Platão até Hegel, esse processo de negação, suspensão e afirmação (*Aufheben*) das etapas precedentes, expõe a marcha da realização do Espírito Absoluto, que Hegel chamou de movimento dialético (MACHADO; POMMER, 2019, p. 6).

A maneira de conhecer o mundo para Hegel é por meio da dialética, isso se faz na relação com o sujeito e o objeto e entre sujeito e sujeito. Podemos perceber que quando Machado e Pommer, (2019) falam sobre o “ser em si”, estão dizendo que é

o momento do homem voltar para si mesmo e negar o ser do outro na busca de se afirmar como pessoa, no segundo momento o homem se depara “fora de si”, assim ele olha para o outro, porém vê a si mesmo no outro, no terceiro momento o “ser para si”, é quando se tem uma verdadeira consciência de si, formando uma nova tese e recomeçando o processo dialético.

### **2.2.1 A tese na dialética de Hegel**

A tese é o primeiro momento da dialética, que segundo Nóbrega (2005), pode ser traduzida como “afirmação”, pois quando o sujeito se depara com outro sujeito, se tem uma primeira impressão do sujeito que pode ser semelhante a palavra bem conhecida em nosso dia a dia, que é o preconceito sendo algo que temos antes mesmo de ver ou conhecer determinado objeto ou sujeito.

Quando tentamos imaginar um princípio de todos os seres, é necessário que nele coisas opostas tenham em algum sentido existido idênticas. Mas não é uma identidade, cessando a oposição. E porque a oposição continua é que a dialética acontece (NÓBREGA, 2005, p. 43).

Por exemplo, quando se está em um processo de flerte para se conhecer uma pessoa é razoável pressupor que se crie várias expectativas da pessoa que se está interessado, às vezes se apaixona por uma pessoa que nem existe realmente sendo apenas uma ideia que foi criada fruto dos desejos internos de um pessoa que iria suprir determinadas carências internas, isso explica o ditado popular que diz “a paixão é cega” exatamente porque, a paixão “cega” a pessoa apaixonada impedindo-a de enxergar a pessoa amada por completo e, na maioria das vezes, tudo isso acaba em uma frustração.

### **2.2.2 A antítese**

No segundo momento, se chega à antítese que corresponde a fazer uma negação da tese anteriormente feita. Aqui, nega-se a ideia que foi afirmada pela tese, pelo fato de que o sujeito quando se depara com o outro sujeito. De acordo com Nóbrega (2005) “a antítese é negação do que se afirmara antes”. Dessa forma, o sujeito faz uma nova experiência, por conta disso, o preconceito que se tinha anteriormente modifica-se, ganhando um novo conteúdo. Assim, algumas características vão sendo descobertas com o tempo e a mesma ideia que se tinha antes não pode continuar predominando.

Por exemplo, quando uma comunidade presencia a chegada de uma nova pessoa todo o tipo de comentário ocorre, a saber: “o novato não é uma pessoa confiável” ou “porque ele saiu de onde estava e veio morar aqui? ” Isso representa a tese que as pessoas têm do novato. Com o tempo de convivência, as pessoas da comunidade deixam de ter medo ou insegurança do “novo”, ou seja, daquela pessoa nova, e passam a conhecê-la melhor e percebê-la como uma boa pessoa, uma pessoa “normal”. Essa adaptação é feita pela antítese que é apresentada às pessoas na convivência cotidiano com o novato, isso se dá pelo processo dialético, no qual as relações interpessoais estão sujeitas gerando novas teses e antíteses e sínteses.

### **2.2.3 A síntese**

Por último, há a síntese que, segundo Inwood (1997), é “elevar”, ou seja, negar a negação anterior. Assim a síntese é o retorno do sujeito que se encontra com o outro. Dessa forma, a primeira ideia somada com a segunda cria uma nova tese que se constitui na ideia do sujeito. Portanto, é um processo praticamente infinito, porque só se chega a uma tese final quando o sujeito tiver uma ideia plena de quem é o outro ou a si mesmo. Por essa ideia não se deve estacionar em uma ideia apenas achando que será a verdade para sempre, pois sempre se modifica não só pelo processo de mudança que acontece, mas porque não conseguimos apreender todo conhecimento imediatamente seja de um objeto ou uma pessoa.

## **2.3 O RECONHECIMENTO**

O conceito do reconhecimento traz a ideia de uma reciprocidade no olhar diante de dois sujeitos que se relacionam, pois para que haja uma relação entre duas ou mais pessoas é preciso entender que cada indivíduo tem o desejo de ser reconhecido pelo outro sujeito.

Esta apresentação é o agir duplicado: o agir do Outro e o agir por meio de si mesmo. Enquanto agir do Outro, cada um tende, pois, à morte do Outro. Mas aí está também presente o segundo agir, o agir por meio de si mesmo, pois aquele agir do Outro inclui o arriscar a própria vida. Portanto, a relação das duas consciências de-si é determinada de tal modo que elas se provam a si mesmas e uma a outra através de uma luta de vida ou morte (HEGEL, 2000, p. 128).

Nesse trecho, se prestarmos atenção no que o autor quer dizer, percebemos que o sujeito quer se tornar o desejo do outro, por exemplo, na relação marido e mulher o homem cobra da mulher o amor dela e a mulher cobra o amor do marido, a partir disso percebemos a luta que é travada entre os sujeitos. Segundo Hegel (2000), essa luta é de “vida ou morte” ganhando significado, pois cada sujeito tem o seu valor intrínseco de si, porém ao se deparar com o outro acontece essa disputa para afirmar ambas identidades.

A secção sobre "dominação e servidão" constitui umas das passagens mais célebres da Fenomenologia. Na descrição do movimento da consciência, através de suas figuras que se desdobram e vão ganhando conteúdo neste processo de formação, que constitui o tema geral da obra, o exame da "dominação e servidão" aparece na consciência-de-si e refere-se, mais diretamente, à independência e à dependência da consciência. Trata-se de examinar a formação da identidade da consciência-de-si, e esta só se realiza através da relação com outra consciência-de-si. Para reconhecer-se a si própria, a consciência carece do reconhecimento de outra consciência e, para tanto, precisa reconhecer a outra numa relação de reciprocidade. Esse reconhecimento é um dos estágios do processo de formação da identidade, e ele precisa ser especificamente humano e não meramente natural, ou seja, não 17 pode ficar limitado ao desejo imediato e sua satisfação. E é no combate entre senhor e escravo, que este âmbito meramente natural da vida é superado (BARTH, 2004, p. 16).

Qual sujeito vai prevalecer reconhecido como tendo valor em si? Porque uma coisa é saber que cada ser humano tem o seu valor único, outra coisa é ser o desejo de outra pessoa, a pessoa perde sua igualdade diante do outro quando deposita seu desejo somente no outro, isso acontece muito com os famosos que são reconhecidos mundialmente por todos os seus fãs, sendo adorado como um "deus", dessa forma o famoso possui o desejo de todos seus fãs.

O entendimento desse ponto de partida é decisivo acerca da intuição da Vida ou do Eu que se desenvolve ao se opor a si mesmo e ao reencontrar a si mesmo quando o objetivo é assimilar o pensamento hegeliano como um todo. O Eu se forma no confronto com a alteridade. Por meio desse confronto, as consciências exercem, uma sobre a outra, um jogo de forças. Então, o sujeito hegeliano não atinge a consciência de si sozinho, para isso requer o contato com outra consciência, da qual ele se diferencia e com a qual se identifica, ou seja, necessita do reconhecimento do outro, para chegar à verdade de si mesmo (BARTH, 2004).

O sujeito não é outra coisa senão aquilo que só é ao se opor a si e ao reencontrar a si mesmo nessa oposição. Passando pelas provas da dialética do desejo e do reconhecimento recíproco, as consciências estabelecem entre si uma relação de dependência. Há na relação entre saber e verdade uma dialética do desejo. O que realmente determina a diferença na experiência do

sujeito com o seu saber é a concepção da dialética do desejo, que se coloca na junção entre saber e verdade.

O simples fato de desejar levar a consciência a conhecer a si mesma, porque a consciência procura, enquanto desejo, a si própria. A consciência só pode chegar a si mesma quando se depara com outro desejo e reconhece a si mesma nesse outro. Portanto, a dialética do desejo encontra sua verdade na dialética do reconhecimento. Aqui, a consciência faz verdadeiramente, a sua experiência como consciência-de-si, porque o objeto que é mediador para o seu reconhecer-se a si mesma não é objeto indiferente do mundo, mas é ela mesma no seu ser outro (BARTH, 2004, p. 75).

Em outras palavras, na dialética do senhor e do escravo - a figura na Dominação e Servidão - é necessária à dialética teórica do reconhecimento, de modo que esta é responsável por uma reduplicação da consciência-de-si, sem a qual ela não seria capaz de reconhecer-se.

Com essas informações podemos nos debruçar mais a fundo nas relações, imaginemos a seguinte hipótese: um homem e uma mulher estão escolhendo os preparativos para o casamento, então cada um quer que seus desejos sejam atendidos, com isso os dois esperam que seus desejos sejam o mesmo. Aprofundando mais percebemos que isso já está resolvido no momento em que o casal se constituiu, porque naquele momento o homem e a mulher desejavam o amor um do outro, por trás disso eles estavam querendo que o desejo do outro pertencesse a eles, se nesse embate o homem ganhou, então a mulher vai se sentir realizada pelas escolhas do homem, porque o desejo da mulher foi entregue ao homem, dessa maneira o que o homem escolher para o casamento fará ambos felizes. Mal sabendo ela que estará abrindo mão do seu desejo para o homem. Na medida que ela for se relacionando com ele as realizações que vão acontecendo não a representará, por isso ela buscará outro caminho que faça sentido para ela e que possa ter reconhecimento, por exemplo: se dedicando muito ao trabalho, aos filhos, a religião, pois por meio deles tomará consciência de si.

### **2.3.1 A luta pela vida e pela morte**

Tendo em vista essa luta pela vida e pela morte, o primeiro objetivo dessa luta é ganhar a consciência de si, não somente pela sua própria consciência, mas reafirmar-se no outro e encontrar sua identidade como verdade interna e externa diante da sociedade.

Apresentar-se assim é comprovar seu desapego da vida, demonstrando que não está preso a nenhum 'ser-al' determinado. Como operação do outro, isto significa que cada um visa à morte do outro; como operação própria, é pôr em risco a própria vida. As duas consciências se põem à prova e se comprovam por meio de uma luta de vida ou morte. Têm de travar essa luta para elevar sua certeza à verdade para si mesma e para a outra, mas só assim a liberdade se conserva, pois não é um ser essa coisa imediata que a torrente da vida arrasta e dissolve. Arriscando a vida, prova que é um puro ser-para-si, para quem todas as coisas se põem como um momento evanescente, até mesmo a própria vida [...] (MENESES, 1985, p. 60).

Na formação de identidade percebemos que de início o que o Eu pensa ser não é a mesma coisa que o Outro percebe dele, por exemplo, quando um jovem afirma ser simpático, porém seus amigos negam essa sentença por ele não dar uma saudação de bom dia pela manhã e por não demonstra sentimentos de felicidade e satisfação diante do grupo, com isso ele confronta o seu pensamento de si imediato com a realidade dos fatos e o parecer dos amigos sintetizando que ele realmente não é uma pessoa simpática. Por esse fato o olhar do outro é tão importante quanto o olhar de si mesmo.

Quando o sujeito se afirma diante do grupo ele ganha validade e vence a luta contra o outro que não teve coragem de se afirmar exteriormente diante dos demais, Hegel (2000) afirma que quem não se expõe tem medo da morte, assim reconhece o outro, mas não é reconhecido pelo outro, por isso não tem uma verdadeira consciência de si, isso faz ele tomar o outro como senhor da vida dele.

### **2.3.2 O senhor e o escravo**

Com a consolidação do papel do Senhor e do Escravo formados em uma relação. Segundo Hegel (1988) o Senhor se torna aquele que usufrui do trabalho do Escravo e o Escravo é aquele que trabalha sem gozar de sua recompensa, gerando assim uma consciência recalcada onde o escravo trabalha, mas não toma parte dele enquanto retribuição do serviço, quem goza do esforço do escravo é o Senhor, assim gera também uma dependência do Senhor para com o Escravo, porque a única coisa que o Senhor faz e delegar os trabalhos para o Escravo como se o Escravo fosse uma extensão do corpo do Senhor, isso acontece porque como já havia dito o Senhor não reconhece o Escravo, por isso vê a si mesmo nele. Dessa maneira, o Escravo não é reconhecido por outra pessoa. O Escravo por sua vez se vê no Senhor, que é o ser em si, fora de si, é um ideal que o Escravo almeja, assim se vê dependente do senhor e se humilha pelo senhor ser aquele que alcança os bens que ele queria.

O que faz esse jogo virar é quando o Escravo por meio do seu trabalho começa a ter um conhecimento universal das ferramentas e dos moldes os quais ele utiliza para o seu trabalho, assim ele percebe que o que ele produz é o espelho de si mesmo, se vendo no que faz ele começa a perceber que ele adquiriu reconhecimento, não por meio do Senhor e sim por meio de si. Portanto, o que era servo se torna mestre da sua própria vida.

Portanto, seria essa a solução para cada pessoa que se encontra como escravo em uma relação interpessoal? Podemos ter uma resposta mais concreta e dentro da realidade atual, por meio dos casos a seguir, que ilustraram como a superação do escravo acontece na prática, para assim se ter uma interpretação da filosofia de Hegel mais clara e mostrar suas contribuições para os relacionamentos da sociedade atual.

### **3 ALGUNS CASOS CONTEMPORÂNEOS E UMA TENTATIVA DE EXPLICAÇÃO FILOSÓFICA A PARTIR DO RECONHECIMENTO DE HEGEL**

Nesse momento vamos analisar mais a fundo casos da realidade que possam ser lidos na visão do filósofo Hegel (2000), assim a partir disso deixar mais clara a reflexão desse filósofo.

#### **3.1 PRIMEIRO CASO: UMA MULHER QUE TRABALHA NA RECICLAGEM**

“Enfrentamos preconceitos diários. As pessoas olham torto para a gente e sempre acham que, porque trabalhamos na reciclagem, não temos estudo”, disse.

Ela ainda conta que, em determinado momento, foi pagar algumas contas na lotérica com a roupa suja do trabalho e que os olhares de julgamento a acompanhavam. “As pessoas sempre falam, ‘nossa que horror’, mas eu não acho isso, na verdade é muito gratificante”.

A cooperadora conta que, toda vez que encontra materiais que poderiam ser utilizados na reciclagem jogados em qualquer lugar sente uma “dor no coração”, por conta do desperdício. Sempre que pode, ela recolhe e os leva até a cooperativa. “As pessoas não se importam, preferem jogar diretamente no lixo”.

Miriam ainda afirma que, com a conscientização ambiental que adquiriu ao longo dos anos, o trabalho se tornou gratificante, já que pode ajudar a criar um futuro melhor. “Poder fazer alguma coisa pela natureza e pelo planeta é muito bom. Devemos cuidar dos rios, dos manguezais, de toda a natureza. Tenho ensinado isso ao meu filho e ao meu sobrinho” (MELO, acesso em 10 de agosto, 2022).

O caso mencionado acima mostra um fato real que acontece no cotidiano de brasileiros. A figura do Escravo é representada pela mulher que trabalha com reciclagem e a figura do Senhor é representada pelas pessoas que tinham preconceito com a mulher por ela trabalhar na reciclagem. O preconceito que as pessoas sentiam era a tese inicial que todos tinham de quem era uma pessoa que trabalhava com reciclagem, ou seja, uma pessoa “sem perspectiva” de uma vida melhor, “sem estudo” etc. Já a visão da mulher é diferente, porque para ela por meio de seu trabalho, adquiriu a consciência de que é importante jogar o lixo no cesto de lixo, assim ampliando a consciência ambiental, vendo o seu trabalho como um grande recurso para a manutenção do ecossistema. Ela teve essa perspectiva, porque, segundo Hegel (2000), o Escravo por meio do seu trabalho adquire uma consciência universal do que existe no mundo. Assim, ele ganha a consciência de si por meio da consciência da importância que ele tem no exercício de seu trabalho e percebe também que o Senhor depende dele para viver, porque pelo trabalho de reciclagem do lixo que se conseguem conter a poluição e a degradação do ecossistema. Essa reviravolta que acontece por meio da consciência do Escravo mostra também que as pessoas usufruem do resultado do seu trabalho, através dos materiais reciclados, como: os papéis recicláveis, as sacolas plásticas e os demais produtos. Assim, o Escravo tem a possibilidade de ser o Senhor da própria vida, por meio dos frutos de seu trabalho, reconhecendo seu valor para toda uma sociedade orgânica.

### 3.2 SEGUNDO CASO: O EX-BBB QUE SOFRE PRECONCEITO

A influenciadora digital e ex-participante do reality show da Rede Globo o ‘Big Brother Brasil’ Fani Pacheco, 40 anos, resolveu fazer um desabafo em relação à escolha que fez recentemente de voltar a estudar. Ela conta que sofreu preconceito ao entrar na faculdade de medicina e aponta que dentro ou fora da sala de aula o assunto era ela, até os professores chegaram a cometer algum tipo de ‘bullying’ com a ex-BBB. As informações são da Revista Quem.

A ex-participante da casa mais vigiada do Brasil confessa que sofreu preconceito: “Eu sofri preconceito no início da faculdade de alguns professores. No início eu era assunto, então foi bem difícil, foi um bullying mesmo”, pondera. Logo em seguida ela discorre sobre sua atual situação financeira: “Por mais que eu tivesse dinheiro guardado, não esperava tanto custo. Meu pai me ajuda, mas é muito cara a mensalidade”, diz.

A ex-sister reflete sobre a possibilidade de recuperar o dinheiro que investiu nos estudos: “Nem tenho coragem de falar porque dá até vergonha pagar uma mensalidade dessa. Você paga por um sonho mesmo, né? Nem sei se eu recupero o dinheiro que investi”, conta. Pacheco expõe que aprendeu mais sobre si mesma: “Estudar me ajudou a entender minha mente porque na

verdade nenhum médico, nem na faculdade de Medicina, me ensinou nada do que eu queria saber sobre a mente. Não aprendi nada do que eu queria”, declara a moça.

la chega a expor suas intenções dentro da área de saúde: “Comecei a fazer curso de neurociência, psicanálise e neuropsicologia. Foi aí que comecei a ter as informações que eu queria. Só aí descobri que para eu ser a profissional que quero, só a psiquiatria não vai contemplar”, informa. Ela também destaca que se considera uma aluna média: “Me considero uma aluna normal, mediana, que se esforça para se superar e, às vezes, consegue. Mas sempre estou me cobrando mais. Junto com alunas aplicadas e brinco que sou uma aspirante a nerd” (PERGIGÃO, acesso em 11 de julho, 2022).

Nesse caso vemos o escravo representado com a ex-BBB Fani Pacheco, que se deparou com a faculdade após completar 40 anos, além dela vemos os colegas de classe e os professores representando o Senhor. Assim, vemos a primeira tese desse caso que é composta por todos que compõem a classe e que se lembram da ex-BBB naquele *reality show*, situação que volta à tona quando ela entra na faculdade de medicina e passando a sofrer *bullying* por todos. Isso é um exemplo claro de não reconhecimento e falta de respeito pela ex-BBB. A antítese, nesse caso, acontece quando ela se volta para si mesma e reavalia quem ela é, qual era o objetivo dela e se no caminho que ela estava iria realizar o que almejava. Assim, por meio de seu estudo aprofundado que fez por conta própria, representando o trabalho que o Escravo faz para se reconhecer no mundo, ela descobre que o ramos que ela queria seguir era a neurociência, psicanálise e neuropsicologia, fazendo com que ela se libertasse das críticas e conhecesse melhor quem ela era e como ela deveria se desenvolver como profissional dentro da sociedade.

### 3.3 TERCEIRO CASO: O ÍNDIO OCUPANDO ESPAÇO NA POLÍTICA

“Na época da campanha, foi muito forte o preconceito por ser indígena concorrendo uma eleição para representar o município. Achavam que não era capaz de conduzir uma pasta política. Hoje, sendo prefeito, continua e quando alguma coisa dá errado, a situação parece que dobra, só por eu ser índio. Mas, estou tranquilo e vou continuar”, contou Piyãko.

A mesma dificuldade é relatada pelo vereador Manoel Kaxinawá, do município de Santa Rosa do Purus. Ele comentou que os indígenas que atuam na política são sempre julgados como incapazes de assumir tal responsabilidade.

“A gente sempre sofre preconceito por parte dos não indígenas, de acreditarem na nossa competência. Dizem que somos irresponsáveis, incapazes, que não sabemos de nada. Principalmente nós como políticos, representantes de um povo branco. Esses são alguns dos desafios que a gente tem que passar”, disse o vereador.

O vice-prefeito de Santa Rosa do Purus, Nego Kaxinawá, ressaltou que representa não só o povo indígena, mas também os não indígenas da cidade

do interior do Acre. Segundo ele, as pessoas não conseguem acreditar no potencial gestor do índio.

“O homem branco sempre acha que o índio é incapaz, que tem que viver sob tutela. Nunca querem que um índio seja um político. Querem comandar para que os índios obedeçam. A gente sofre isso. Diziam que eu não tinha capacidade de representar o povo”, relatou o indígena.

Apesar dos relatos de preconceito, os políticos afirmam que estão confiantes com o trabalho realizado nas cidades acreanas e se dizem orgulhosos.

“É uma conquista para mim. Primeiro de tudo, por ser indígena e ter conseguido ser o primeiro índio a chegar na prefeitura no estado. É um aprendizado muito grande e, ao mesmo tempo, um desafio. Se eu conseguir fazer o mesmo ou melhor que os outros, vou mostrar que somos capazes de fazer parte da sociedade. Não somos só eleitores, podemos ser gestores também” (RODRIGUES, acessado em 10 de outubro, 2022).

Nesse caso, vemos o drama de pessoas com raiz indígena que estão lutando para ter o mesmo direito de estar na política, que as demais pessoas que não tem a mesma descendência. Os indígenas representam a figura do escravo, que não é reconhecido pelo Senhor representado pelas pessoas contra o direito da pessoa indígena estar no meio político. As pessoas criticam os indígenas, tendo uma certeza diante de como o “índio” deveria ser e como ele age no meio sociopolítico. Isso é o momento que a tese é expressa sobre a primeira ideia de como o “índio” é, fazendo com que a pessoa do índio não seja reconhecida. Porque as pessoas não veem o “índio”, mas a si mesma com suas inseguranças e incapacidades. Por isso, que quando os povos indígenas conquistaram o lugar político e passaram a fazer um trabalho exitoso, acontece a antítese, mostrando para as pessoas que independente do que as pessoas pensam, o resultado do trabalho é o que garante o reconhecimento como aquele que tem os mesmos direitos e capacidades que quaisquer pessoas de estar na política. Isso acontece porque o trabalho causa no Escravo uma consciência universal do que ele desenvolve, além disso o escravo se vê no que ele faz assim quando os indígenas atuam politicamente, apresentando resultados não só em seus respectivos benefícios, mas para toda população a qual ele é representa. Aliás, ele representa mais que uma tribo, representa o povo brasileiro, percebendo uma identidade maior que engloba o ser brasileiro. Fazendo assim as próprias pessoas que criticavam a capacidade dos indígenas de estarem na política mudarem de ideia diante dos resultados de um governo que possui êxito político.

#### **4 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Dentro do objetivo desta pesquisa, percebemos que a dialética de Hegel não está distante do nosso dia a dia, vemos ela no trabalho, nas escolas e universidades,

também na política e demais áreas que envolvem as relações humanas. Dessa forma, buscamos deixar o mais claro possível como Hegel pensa sua dialética e como ele desenvolveu a luta pelo reconhecimento mediante o senhor e o escravo. Por mais que nossa vida seja constituída por vários tipos de relações interpessoais, nem todos sabemos como identificar se somos submissos ou submetemos. Muito dessa falta de clareza nas nossas relações se faz por causa do comodismo dentro da situação que nos encontramos, não se tendo uma busca pela mudança ou pelo reconhecimento.

A presente pesquisa teve como primeiro ponto reafirmar a teoria dialética de Hegel sobre o Senhor e o Escravo dentro do conceito de reconhecimento. O segundo ponto se concentra em vista da objetificação do ser humano dentro de diversas relações interpessoais identitárias, além disso, no terceiro ponto buscamos deixar claro para o leitor identificar qual papel ele ocupa em suas relações. Para ajudar nossa reflexão fizemos uma análise sobre três casos da realidade retirados de sites de notícias G1.

Percebemos que a partir dessa pesquisa é possível formar outros arranjos, por exemplo, se utilizássemos a teoria de Hegel no âmbito das *fake news* poderíamos constatar a veracidade dos fatos, uma vez que a dialética proporciona a verificação dos acontecimentos. Além de poder ser um meio de aprofundar nas pesquisas sobre como o ser humano pode chegar a um conhecimento verdadeiro.

Tivemos como resposta ao problema de pesquisa uma possível saída para a situação do sujeito que se encontra na figura do Servo, assim podendo ser Senhor de sua própria história, o caminho é desempenhado por meio do trabalho que faz o sujeito se reconhecer e ter consciência de si, naquilo que faz, percebemos isso na superação, da mulher que trabalhava na reciclagem, da ex-BBB e dos índios, todos conquistaram seus espaços por meio do trabalho e do esforço desenvolvido para ter o reconhecimento. Nos concentramos em esclarecer de maneira acessível a teoria de Hegel, não tendo em vista um aprofundamento teórico em sua tese, e sim prover uma acessibilidade para que houvesse reflexões com base filosófica pela população brasileira no que se refere a objetificação do homem. Por isso, trouxemos os casos para que fiquem explícitos para quem acessá-los poder examinar a própria história seguindo o caminho proposto pela dialética do reconhecimento em Hegel. Nem por isso deixa de ser uma pesquisa que agrega com conteúdo e ideias a academia de pesquisa.

## 5 REFERÊNCIAS

BARTH, Maria Cristina. **A experiência da formação da identidade da consciência**: uma análise da certeza sensível à dialética do senhor e do escravo na fenomenologia do espírito de hegel.

<[https://repositorio.ufmg.br/bitstream/1843/BUOS-9NSGPU/1/dissertacao\\_mariacristinabarth.pdf](https://repositorio.ufmg.br/bitstream/1843/BUOS-9NSGPU/1/dissertacao_mariacristinabarth.pdf)>. Acesso em : 10 out.2022.

GIL, Antonio Carlos. Como elaborar projetos de pesquisa. 6º ed. São Paulo: Atlas, 2002.

HEGEL, George Wilhelm Friedrich. **Fenomenologia do espírito**. Tradução paulo Meneses. 5 ed. São Paulo : Vozes, 2000. Parte I.

HEGEL, George Wilhelm Friedrich . **Estética**: a idéia e o ideal; Estética: o belo artístico ou o ideal . Tradução de Orlando Vitorino. São Paulo: Nova Cultura, 1988. v. 1. 238 p. (Pensadores).

MENESES, Paulo. **Para ler a fenomenologia do espírito**. São Paulo : Loyola, 1985.

NÓBREGA, Francisco Pereira. **Compreender Hegel**. Petrópolis: Vozes, 2005.

INWOOD, Michael. **Dicionário de Hegel**. Tradução de Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Zahar Editor, 1997. 362 p. (Dicionários de filósofos).

MACHADO, Paulo Sérgio ; POMMER, Arnildo. **A dialética do senhor e do escravo de Hegel e a pesquisa em educação**. Revista Eletrônica de Filosofia e teologia Frontistés – Faculdade Palotina. v. 13, n. 23, 2019. Disponível em: <http://revistas.fapas.edu.br/index.php/frontistes/article/view/7/1>. Acesso em: 10 set.2022.

MELO, Caroline. Separadora de materiais relata preconceito, desafios e chances do trabalho com a reciclagem: 'nosso ganha pão': Miriam Madalena da Silva, de 56 anos, trabalha separando materiais recicláveis na Cooperativa Mundo Novo, em Guarujá. **G1**. Disponível em : <https://g1.globo.com/sp/santos-regiao/noticia/2022/06/05/cooperadora-relata-preconceito-desafios-e-chances-do-trabalho-com-reciclagem-nosso-ganha-pao.ghtml>. Acesso em : 10 ago. 2022.

PERDIGÃO, Leticia. Ex-BBB Fani Pacheco relata preconceito e bullying no curso de medicina : "No início eu era assunto, então foi bem difícil", afirma a modelo, que pretende se tornar psiquiatra. In: **G1**. Disponível em: <https://www.metropoles.com/celebridades/ex-bbb-fani-pacheco-relata-preconceito-e-bullying-no-curso-de-medicina>. Acesso em : 11 jul. 2022.

RODRIGUES, Iryá. Políticos indígenas do Acre dizem sofrer preconceito racial: 'acham que índio é incapaz: Prefeito, vice-prefeito e vereador indígenas relataram trajetória na política e dificuldades de aceitação da população. In : **G1 AC**, Rio Branco. Disponível em : <https://g1.globo.com/ac/acre/noticia/politicos-indigenas-do->

acre-dizem-sofrer-preconceito-racial-acham-que-indio-e-incapaz.ghtml. Acesso em :  
10 out.2022.